

Amor: Objecto de amor/amor de objecto

SUZANA F. RODRIGUES (*)

*«Tudo o que amei, se é que amei, ignoro,
E é como a infância de outro. Já não sei
Se o choro, se o supponho só que o choro,
Se o choro por supôr que o chorarei.»*

Fernando Pessoa

1. À GUISA DE INTRODUÇÃO

AMOR

de entre os fogos,
o fogo!

«O objectivo de todo o esforço humano é estabelecer — ou provavelmente restabelecer — uma harmonia global com o ambiente e de poder amar em toda a quietude.» (Balint, 1979, p. 91)

O amor do objecto começa no nascer e no proporcionar nascer. Ser-se mãe é proporcionar ao seu bebé um universo de interacções numa atmosfera fluída de trocas mútuas.

Segundo Balint (1979), o nascimento é um traumatismo que quebra o ambiente de indiferenciação e o espaço desprovido de limites das águas amnióticas; mas que permite, por seu lado, uma iniciação ao mundo dos objectos. Eu diria que, mais do que um traumatismo, nascer significa um encontro alegre e vivaz com o outro e com o que este tem para oferecer.

Uma vez que o recém-nascido, apesar de imaturo e pouco diferenciado no seu sistema sensorial, é um participante activo nas primeiras relações, então a emergência do amor do objecto primário torna-se premente e passa a constituir uma das necessidades básicas como o respirar ou o comer.

Daí que, Fairbairn (1952) dê ênfase ao estabelecimento das primeiras relações satisfatórias com os objectos; a libido é, pois, um verdadeiro investimento na procura do amor do objecto.

2. AMOR — UM DIREITO. UM DEVER

«Amar — uma lógica estranha à lógica; razão de racionalizações; sonho de realidade; desejo e repulsa...» (Alberoni, 1979, p. 71)

Um sistema de afectos nasce, então, a partir de um investimento objectal mútuo.

Assim, uma criança necessita de ser amada e sentir o amor dos pais (e sobretudo da mãe) como um «veículo» emocional positivo que lhe permita a capacidade de alcançar uma identidade consistente e sólida, que seja, por sua vez, um alicerce autêntico que ajude a fazer face às vicissitudes da vida. Se este processo não se dá, a criança será submergida por uma onda de identidade fragmentada e sangrará.

Se o indivíduo sentir uma constância no amor do objecto; isto é, se sentir que é reconhecido, apreciado e valorizado tal como é, então ele passará a ter a certeza de que está no interior do objecto. Nestas condições, a permanência do objecto no indivíduo (objecto interno) conduz

(*) Psicóloga, GITHI, Serviço de Medicina I, Hospital de Santa Maria.

a uma estrutura do *self* consistente, estável e tónica. O corolário deste processo é que o indivíduo vai desenvolvendo uma estrutura mental própria e reconhecendo o seu próprio espaço psíquico assim como o dos outros.

Assim, poder estruturar-se com base na introjecção de uma mãe suficientemente boa, gratificante e com uma boa qualidade maternal, é poder reflectir-se no seu amor. Como Narciso que se olha nas águas límpidas do rio admirando a sua imagem, a criança começa a organizar uma estima e amor por si própria. No seu trono, esta criança, porque foi suficientemente amada e apreciada *per se* e teve portanto um objecto reflector que reflectiu o seu próprio valor,¹ vai ser também capaz de reflectir e amar os outros.

Por isso, todo o Ser humano tem direito à sua parcela de amor cósmico; mas, também por isso, tem o dever de o espalhar como semente que brota de terra fértil.

3. VITÓRIA OU DERROTA

O mundo interior do adulto
contém a verdade festiva
ou fragmentada da criança.

Ser-se adulto é poder assumir que se foi criança e ter consciência de o ter sido em toda a sua plenitude (Fernando Pessoa), ou bem pelo contrário, é ter de servir de contentor de feridas e hemorragias narcísicas da infância.

Kohut (1971), citado por Bleichmar (1984), encara a organização mental do indivíduo como resultante, por um lado, de um espelhamento pelo objecto parental — isto é, se os pais reflectem positivamente os desejos e acções das crianças, então estas vão acreditando no poder das suas ambições e organizam uma crença interna e um *self* bem estruturado, estando por isso em condições de serem também bons objectos de narcisização — e, por outro lado, resultante de uma idealização das figuras parentais — ou seja, os filhos sentem os pais como idealizados (poderosos, seguros, confiantes...) e vão trans-

¹ Veja-se, por exemplo, D. Winnicott: «... o rosto materno como percursor do retrato do espelho», (1975), *Brincar e a realidade*, Rio de Janeiro: Imago Editora Lda., p. 203.

pôr essa idealização na relação que estabelecem: serão também eles objectos de idealização. Contudo quando a idealização é excessiva estamos perante casos patológicos em que há negação dos aspectos globais do objecto.

As pessoas a quem não foi proporcionado beber desta fonte de amor, sentem-se invadidas por profunda dor e frustração — receberam, como diz Coimbra de Matos (1983), «*um deserto relacional*» e caem num vazio egóico. Algumas destas pessoas refugiar-se-ão num universo sem limites, num vazio gélido e mortal do seu *self* — a relação objectal que lhes foi oferecida foi sentida como má. Não houve, portanto, identificação nem interiorização do objecto bom e por isso só serão capazes de destruir as paredes dos objectos e de as trespassar como se não existissem — este é o caso do psicótico.

Outros sujeitos há, que continuam a investir desesperadamente no amor perdido do objecto, desinvestindo em si próprios — choram por ter perdido o sol mas as lagrimas não os deixam ver as estrelas —. Se nunca «metabolizarem» a sua perda, se nunca se permitirem sonhar de novo, então sentir-se-ão inundados de tristeza e dor — este é o caso do depressivo.

Sonhar! Iludir! Fantasiar!... Estas são experiências salutares, que a falta de amor, como reflexo da falência dos objectos de identificação e narcisização, não pode proporcionar.

Deste modo, torna-se inevitável um verdadeiro desmoronamento do *self*.

Vitória ou derrota! Ou seja, encontrar no outro lado do espelho um universo sempre em festa e perene, ou, encontrar um universo suspenso, frio e insuportavelmente terrífico e frustrante.

4. SUITE EM AMOR MAIOR

O objecto de amor primário — a mãe ou seu substituto —, de acordo com as leis biológicas é por excelência o veículo privilegiado dos afectos, do carinho, da confiança, do apreço; enfim do amor! Contudo, os laços amorosos não se dão plenamente apenas na relação anaclítica; uma boa relação primária necessita de ser complementada por uma fluente triangulação: pai, mãe, filho necessitam de navegar em águas estáveis e calmas, onde o respeito impere e onde

a disponibilidade, a empatia e a acessibilidade emocional sejam portos seguros. Por outro lado, para que tal vivência seja atingida, cada membro do triângulo necessita de ter espaço psicológico afectivo para o outro. Mais ainda, é necessário que cada um permita manter aberto esse espaço na mente do outro. A harmonia que daqui advém determinará grandemente a maneira como o indivíduo apreciará a vida e as relações que terá.

Se assim é, então este indivíduo adquiriu a capacidade de estabelecer vínculos amorosos ao longo da sua vida: o seu mundo interior é povoado de experiências gratificantes e encorajantes, e por isso, como M. Klein (1937) diz: «... junto de (...) parceiros (amorosos) uma relação feita de satisfação (...) recíproca e de amor mútuo, será sentida como se fosse recriada na felicidade da vida familiar de outrora.» (ob. cit. p. 36)

Daí que pense que não basta possuir o sol se não somos capazes de o partilhar no futuro!

Por seu lado, Alberoni (1979) encara o principal estado de vínculo amoroso — o enamoramento — como sendo sempre uma re-estruturação de estados afectivos e de laços emocionais criados no confronto parental. O amor será, pois, inevitavelmente a consequência óbvia.

Assim, quanto a mim, o projecto amoroso a dois, emerge do prazer inefável do investimento objectal e narcísico dos parceiros, passando, portanto, por vivências integradoras das experiências de amar e ser-se amado.

David (1979), considera que o amor, tal como nos é dado senti-lo e vivê-lo, resulta de múltiplos componentes imperceptíveis e quase interditos ao nosso espírito; daí que todo o seu significado e riqueza se nos escape à compreensão. Parece, pois, que este autor considera que por muito que se fale de amor (consubstanciado nas mais variadas manifestações), a única solução para o conhecer é vivenciá-lo. Eu diria que é um bom conselho!

5. AMAERU

(do Japonês: desejar ser amado)

Não parece existir, pois, um funcionamento psicológico e mental organizado no vazio relacional. Por isso, Amaral Dias (1989), enfatiza

o facto de não poder existir saúde mental sem que os objectos de relação primária proporcionem a construção de um microcosmos onde o macrocosmos ganhe significado. Um macrocosmos onde um estado de amor e de idealização imperem (Bourgeron, 1986; Parat, 1986; Bettelheim, 1989).

Assim, ser-se objecto de amor e desejar o amor do objecto é experimentar a intensidade vital de um mundo que merece a pena ser vivido e experimentar a sua felicidade — estas vivências, só um objecto amado e suficientemente amante pode proporcionar.

Daí, que esta travessia que é a vida, e que todo o Ser humano empreende, esteja marcada a ferro-e-fogo de AMAERU!

BIBLIOGRAFIA

- Alberoni, F. (1979). *Enamoramento e amor*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Balint, M. (1979). *Le défaut fondamental*. Paris: Payot.
- Bettelheim, B. (1987). *Bons pais*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Bleichmar, H. (1981). *O narcisismo*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Bourgeron, J.R. (1986). États d'amour et d'idealization. *Revue Française de Psychanalyse*, Tome L: 647-658.
- David, C. (1979). *Estado Amoroso*. Lisboa: Palas Editores.
- Dias, C.A. & Monteiro, J.S. (1989). *Eu já posso imaginar que faço*. Lisboa: Assírio e Alvim
- Fairbairn, R. (1952). *Estudos psicanalíticos da personalidade*. Lisboa: Editora Vega
- Klein, M. & Rivière, J. (1937). *L'amour et la haine*. Paris: Payot.
- Matos, A.C. (1983). A alegria e a dor. *O Médico*, 1665(109): 7-8.
- Parat, C. (1986). Perte de l'object, perte de l'amour. *Revue Française de Psychanalyse*, Tome L: 643-646.

RESUMO

Neste artigo aborda-se a temática das relações de objecto e suas consequências ao longo da vida do indivíduo.

Foca-se fundamentalmente o universo da organização mental e psíquica como reflexo da falência ou do sucesso do tipo de amor que o objecto primário tem para oferecer.

Aborda-se também a vertente amorosa no casal.

RESUME

En cet article s'approche la thématique des relations d'object et ces conséquences, pendant la vie de l'individu.

On se mettre au point essentiellement l'univers de l'organization mental et psychique, comme le réflexe de la faute ou du succès vers le type d'amour que le premier object offre.

S'approche aussi le thème versant l'état amoureux chez le couple.

SUMMARY

In this paper one broach the subject of the object relations and its consequences through the individual's life.

Fundamentaly, the author focalize the universe of the mental and psychic organization, as a reflex from the rupture or sucess dependent of the kind of love that the first object has to offer.

One broach also, the loving slope in the couple.